

## **Em Ritmo Lento: Estado da Arte sobre jornalistas negras e/ou jornalistas mulheres na mídia em teses e dissertações do Brasil (2015-2023)<sup>1</sup>**

Michely da Silva ALVES<sup>2</sup>

Thaís BUENO<sup>3</sup>

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

### **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo delinear o cenário das pesquisas científicas sobre jornalistas negras e/ou jornalistas mulheres na mídia, agrupando o contexto de gênero e raça nos espaços midiáticos. Ocorreu-se, no entanto, um breve levantamento das pesquisas desenvolvidas em teses e dissertações no campo da comunicação entre os anos de 2015 e 2023. Para os devidos fins, empregamos o método da Análise de Conteúdo (AC), a partir das orientações de Bardin (2011). Constata-se a presença de quatro (4) teses e dezesseis (16) dissertações que se aproximam do objetivo proposto. Patenteia-se, por assim dizer, a urgência acerca deste objeto nas pesquisas de pós-graduação no país.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalistas negras; jornalistas mulheres; teses; dissertação.

### **INTRODUÇÃO**

Estudos sobre gênero e raça estão, gradativamente, ganhando notoriedade nas pesquisas científicas dos Programas de Pós-graduação do Brasil (Massuchin; Cavassana, 2022). Na área da comunicação, por exemplo, reúnem-se cerca de dezenove mil pesquisas que estão tanto no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, quanto na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e nos principais Repositórios das Instituições de Ensino Superior (IES) sob a ótica desta temática (Mendes; Queirós; Silva, 2021).

Compreende-se, entretanto, que apesar do crescimento desses saberes teóricos e epistemológicos em relação a intersecção de gênero e raça no campo acadêmico, especialmente na pós-graduação em comunicação (Escosteguy; Messa, 2008), ainda detemos de poucas pesquisas que conectam mulheres negras, enquanto profissionais de comunicação, nos espaços midiáticos. Destarte, consideramos propício delinear este cenário acerca das pesquisas de teses e dissertações sobre jornalistas negras e/ou

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT03NE - Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico), evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Comunicação (PPGCOM/UFMA-Imperatriz). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), email: michely\_alvessilva@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação (PUC-RS). Docente do curso de jornalismo da UFMA, Campus de Imperatriz e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFMA-Imperatriz), email: thaisabu@gmail.com

jornalistas mulheres na mídia, até mesmo, pesquisas que se aproximam do objeto proposto.

O objetivo é categorizar as pesquisas que ao menos se aproximam ou analisam, de fato, as jornalistas negras e/ou jornalistas mulheres nos espaços midiáticos. Para tal objetivo, optamos em realizar um breve levantamento das teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em comunicação e jornalismo que agrupam a temática entre os anos de 2015-2023, no intuito de reconhecer os enfoques em torno da temática; as abordagens utilizadas diante do objeto e os trilhos metodológicos.

## DESLOCAMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, as autoras deste trabalho se propuseram em elencar teses e dissertações que empregassem apenas jornalistas negras, mas à medida que notamos a ausência desse recorte nas pesquisas de pós-graduação, isto é, profissionais negras nos espaços midiáticos enquanto sujeitas de estudo em trabalhos de mestrado e doutorado, voltamo-nos em adicionar também “jornalistas mulheres” junto à “jornalistas negras” como critério de busca em torno do objeto.

A coleta foi efetuada tanto no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, quanto na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) entre os dias 26 de julho de 2023 e 10 de agosto de 2023, ou seja, totalizando quinze dias para o recolhimento do material nos repositórios. Por conseguinte, utilizamos como parâmetro de busca cinco palavras-chave na tentativa de englobar diferentes análises e aplicações teóricas, tais como: “jornalistas negras”; “jornalistas mulheres”; “profissionais nos espaços midiáticos”; “identidade negra na mídia” e “gênero e raça na mídia”.

Para tal propósito, coletamos 20 trabalhos de pós-graduação, sendo 4 teses e 16 dissertações. Os trabalhos foram analisados através do método proposto pela Análise de Conteúdo (AC), a partir das orientações de Bardin (2011), que direciona os seguintes elementos de investigação: pré-análise; exploração do material e; enfim, a interpretação dos resultados obtidos.

Nesse caso, utilizamos como suporte de coleta e, sequencialmente, de análise os repositórios que registram os trabalhos de pós-graduação e nos atentamos em categorizar da seguinte forma: **a) Pré-análise:** a escolha de documentos (teses e dissertações), regras de recorte (delimitação dos anos entre 2015 e 2023), preparação do material (mulheres

jornalistas ou jornalistas negras); **b) Exploração do material:** identificando o corpus dos trabalhos selecionados (título, resumo, palavras-chave e metodologia utilizada; e **c) Interpretação dos resultados:** inferências encontradas (múltiplas abordagens teórico-metodológicas nas teses e dissertações).

## GÊNERO E RAÇA NAS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO NO BRASIL

À medida que a prática interdisciplinar se intensifica nas ciências sociais, especificamente quando aplicada na área da comunicação, muitas são as diligências que atravessam as origens, teorias, metodologias e as diferentes abordagens no campo. É a partir disso que se faz necessário entender os fenômenos e o comportamento nos estudos em comunicação em torno de novas descobertas, sobretudo, na América Latina que resiste à colonialidade do saber, sendo, pois, a subalternização epistemológica e os discursos hegemônicos determinados pelo berço ocidental (Maldonado-Torres, 2019; Ballestrin, 2013).

Segundo Berger (2001, p. 241), temos que direcionar as produções acadêmicas para além das corroborações teóricas, abrangendo, pois, as “demandas políticas e sociais, mais do que inquietações científicas, o que impulsiona a produção de conhecimento em comunicação na América Latina”. Nesse contexto que, “hoje, a pesquisa em comunicação é realizada nos programas de pós-graduação – mestrados e doutorados – reivindicando o percurso e a tradição de compromisso social já sedimentada” (Berger, 2001, p. 271), isso porque “ainda nos anos de 1970 não existia o entendimento de que a comunicação podia ser objeto de estudo acadêmico no Brasil” (Escosteguy, 2020, p. 109).

Sob efeito, Escosteguy (2020, p. 110) analisa que em termos da pesquisa em comunicação a palavra “gênero marca presença nos estudos de mídia nos anos 1990, ainda que não ganhe densidade conceitual, funcionando muito mais como mera etiqueta”, se destacando, excepcionalmente, a partir da obra de Joan Scott (1995), intitulada “*Gênero: uma categoria útil de análise histórica*”, sendo, pois, “significativamente referida no Brasil e em outros países latino-americanos como elemento constitutivo do gênero, lócus primeiro das relações de poder” (Lago; Lago; Martinez, 2020, p. 11).

Evidencia-se, por assim dizer, que mesmo utilizando a literatura internacional como viés investigativo, os estudos de gênero iniciaram no Brasil à sombra da categoria mulher, “depois, de modo mais abrangente, com uma agenda voltada, de fato, ao gênero”

(Massuchin; Cavassana, 2022, p. 202). Ademais, observa-se através da literatura internacional que mesmo ganhando sucessiva notoriedade na área da comunicação, os estudos de gênero apontam “poucos trabalhos que relacionam mídias digitais e gênero” e a “predominância de estudos sobre entretenimento” (Massuchin; Cavassana, 2022, p. 201).

Já no que se refere a literatura nacional, Massuchin e Cavassana (2022, p. 201 e 204) efetuaram “alguns mapeamentos importantes da produção mais específica – sobre mídia, política e gênero (Sarmiento, 2013) e sobre jornalismo e gênero (Tavares, 2018)”, apontando o crescimento destas produções científicas para outros tipos de investigações na qual identifica, por sua vez, que “[...]as pesquisas sobre Gênero em estudos do Jornalismo ainda são relativamente baixa a quantidade de investigações na área”.

Obsevamos que as pesquisas de gênero e raça em comunicação estão moldadas, predominantemente, por outras vertentes analíticas, como por exemplo: estudos sobre mulheres no entretenimento, discussões teóricas e aprofundamento bibliográfico, estudos feministas etc. Existe poucos registros de trabalhos de mestrado e doutorado nos programas de pós-graduação que utilizam, como centro de análise, jornalistas negras e/ou jornalistas mulheres como sujeitas de estudo (Massuchin; Cavassana, 2022).

## **MULHERES JORNALISTAS: PRINCIPAIS RESULTADOS**

Determinamos, contudo, quatro categorias analíticas, sendo: 1) número de trabalhos sobre jornalistas negras e jornalistas mulheres na mídia, essa distinção se deve pelo fato de que muitos trabalhos utilizam apenas as vertentes teóricas em torno do gênero; 2) classificação geográfica dos PPGs; 3) palavras-chave presentes nas teses e dissertações e 4) técnicas de pesquisas utilizadas em cada trabalho.

Observamos, de modo geral, a presença de 20 trabalhos de pós-graduação que analisavam, categoricamente, jornalistas mulheres na mídia. Os anos de 2015 a 2018 apresentam apenas um trabalho por ano, sendo duas (2) dissertações e (1) uma tese, isso porque o ano de 2017 não cataloga nenhum trabalho sobre a temática. Por outro lado, o ano de 2022 é o que mais se destaca, apontando sete (7) trabalhos defendidos nos programas de pós-graduação em comunicação e/ou jornalismo sobre mulheres jornalistas. Outro fator importante é a prevalência das sujeitas de estudo, isto é, jornalistas mulheres, nas dissertações (16) em comparação com as teses (4).

Em relação a distribuição geográfica dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) com pesquisas sobre jornalistas negras e/ou jornalistas mulheres, totaliza-se dezoito (19) Programas, tendo como predominância a Região Sudeste com nove (9) Programas de Pós-Graduação. No que se refere as palavras-chave instituídas nas teses e dissertações levantadas, observamos as palavras mais recorrentes, como: “mulheres jornalistas”, “assédio sexual”, “violência de gênero”, “identidade”, “racismo”, “jornalismo” e “intersecção”.

Constata-se a presença de onze (11) técnicas de pesquisa que foram utilizadas nas teses e dissertações que retratam mulheres jornalistas, muitas vezes com o uso da triangulação na pesquisa científica, sendo, portanto, a combinação de diferentes métodos de pesquisa que auxilia nas estratégias de recolhimento de dados e investigação do objeto, a saber: Entrevista em Profundidade, Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa de campo, Histórias de Vida, Etnografia/Netnografia, Análise de Conteúdo, Análise do Discurso, Análise Crítica do Discurso (ACD), Análise Documental, Estudos de Recepção e Outros.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em suma, verificou-se que pesquisas sobre jornalistas mulheres ainda estão ratificadas em torno do objeto analítico apenas do gênero, outrossim, nota-se que pesquisas sobre raça na comunicação são investigadas sob a ótica da identidade profissional dos jornalistas, englobando homens e mulheres. Concluímos que apenas uma pesquisa, defendida no mestrado profissional em jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), analisa, de fato, jornalistas negras na mídia, sem a conjuntura somente do gênero ou apenas da raça.

Reiteramos, sistematicamente, a colocação de “jornalistas negras e/ou jornalistas mulheres” aos nos retratarmos sobre as sujeitas de estudo no corpus deste artigo, mesmo identificando a presença de apenas um trabalho de pós-graduação que examinou, de fato, as questões de gênero e as noções raciais de profissionais mulheres.

No que diz respeito as noções raciais junto as questões de gênero sobre mulheres jornalistas, salientamos algumas vertentes utilizadas nos trabalhos destacados, sendo: decolonialidade, racismo e intersecção. Patenteia-se, por assim dizer, a urgência acerca deste objeto nas pesquisas de pós-graduação no país, visto que ainda estamos caminhando, cientificamente, em ritmo lento.

## REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, DF, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERGER, Christa. A pesquisa em comunicação na América Latina. In: HOFELDT, Antonio, FRANÇA, Vera e MARTINO, Luiz (orgs). **Teorias da Comunicação**. Petrópolis, Vozes, 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Comunicação e Gênero no Brasil: discutindo a relação. **Revista Eco-Pós**, v. 23, n. 3, p. 103-138, 2020.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; MESSA, Márcia Rejane. Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação no Brasil. **Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa**, v. 4, p. 65-82, 2008.

LAGO, Cláudia; LAGO, Mara; MARTINEZ, Monica. Situação dos Estudos de Gênero em Comunicação na América Latina: breve olhar a partir do Brasil. In: OLIVEIRA PAULINO, Fernando et al. (org.). **Tradiciones de investigación en diálogo: estudios sobre Comunicación en América Latina y Europa**. Bogotá: Alaic, 2020.

MALDONADO-TORRES, N. **Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas: em decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2019.

MASSUCHIN, Michele Goulart; CAVASSANA, Fernanda. Comunicação e gênero: uma análise cienciométrica da produção brasileira em periódicos nacionais. **Comunicação e informação**, Goiânia, v. 25, e-ISSN: 2317-675X, p. 199-222, 2022. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/ci/article/view/67005>>. Acesso em: 22 ago. 2023.

MENDES, Francielle Maria Modesto; QUEIRÓS, Francisco Aquinei Timóteo; SILVA, Wagner da Costa (Orgs.). **Pesquisa em comunicação: jornalismo, raça e gênero**. Rio Branco:

Nepan, 2021. Disponível em: <[https://www.academia.edu/45074266/Pesquisa\\_em\\_comunica%C3%A7%C3%A3o\\_jornalismo\\_ra%C3%A7a\\_e\\_g%C3%AAnero](https://www.academia.edu/45074266/Pesquisa_em_comunica%C3%A7%C3%A3o_jornalismo_ra%C3%A7a_e_g%C3%AAnero)>. Acesso em: 22 ago. 2023.